



CANÇÃO DE UM TRANSCORPO

Nicolas Bastos

(aviso de gatilhos: menstruação, violência)

deixa eu sangrar entre as pernas sem temer tua cisma
esse teu martelo de ferro na madeira do tribunal:
“órgão genital de função reprodutiva feminina, cromossomo XX”
deixa eu botar os ombros pra trás e andar de peito aberto
olha no meu olho, não precisa baixar o olhar pra encontrar classificação
é só olhar no meu olho de bicho vivo, que tu encontra o que não te devo: satisfação
porque no volume da blusa só está escrito que respiro e nada a mais
porque na faixa que aperta minhas costelas, não te escondo nada a mais
não há segredo, nem mera confusão, dentro das minhas calças
e se precisar risco o fio da navalha e te digo novamente: não te devo confissão.
quem foi que inventou que ter pelo na cara
é sinônimo de deixar de ser menino pra ser homem?
eu cresci e virei homem, mas não quando a agulha atravessou minha pele
eu cresci e virei homem, quando disseram que eu tinha virado mocinha
e meu coração foi honesto e disse não.
chame do que quiser, meu canto continuará a ser transpassado
o mundo é meu, se eu também vim do pó, por que tu quer ser a norma do barro?
o mundo é meu lar também, e se tu me recusas a hospitalidade,
crio no meu próprio corpo um lar
cultivo no ventre que a terra me deu um corpo e não haverá lugar melhor para morar
porque o meu canto é transpresente e logo será transfuturo
será translação ao redor do sol que toca essa pele
se tua cisma insiste em matar, ressuscito e empurro a pedra
saio feito Lázaro e nunca mais peço permissão.
15



O TSUNAMI DE ADÃO

Nicolas Bastos

(aviso de gatilhos: disforia, automutilação)

é mais fácil para mim ficar na minha concha ouvindo o mar bater nas paredes finas
porque não sei se você vai entender se eu tentar te explicar
que é mais fácil para mim cravar os molares na mão
ao invés de arrastar minhas solas na superfície
eu queria mesmo era escrever uma nova narrativa na minha pele
com a mão de um deus transformar essa carne com magia sagrada
e desses pelos nasceriam uma esperança de colocar meus pés para fora
aí, se eu pudesse, traçar com os dedos um novo caminho
onde a água salgada não espumasse em meus pulmões
aí, se eu pudesse, destilar em minha língua algum sonífero
e ao abrir meus olhos eu estar a dez metros do que chamam de felicidade
não a dez palmos abaixo da superfície, com terra carmesim debaixo das minhas unhas
porque eu queria mesmo era colocar os dedos na minha garganta
vomitar as tripas de barro e moldar com um sopro de vida ínfimo
ossos mais longos e largos para sustentar meu peso
então eu não me sentiria tão pequeno e quebradiço
meu coração não mais deixaria mais manchas escuras nos lençóis
nem os meus olhos no travesseiro
o cansaço escorreria pelas minhas narinas para nunca mais
com isso, eu só quero dizer, mesmo sem saber se você vai entender:
eu quero ser um castelo de areia na praia,
eu quero ser a onda também.